

O TEMPO

ANNO I

REDAÇÃO
45 RUA DO OUVIDOR 45
PROPRIEDADE DE
ISMAEL MARINHO FALCÃO

RIO DE JANEIRO, 22 de Julho de 1888

TIRAGEM, 5.000 EXEMPLARES

ASSIGNATURAS
CORTE E NICTHEROY 5\$000
PROVINCIAIS 6\$000 POR ANNO
NUMERO AVULSO 40 RS.

N. 12

EXPEDIENTE

Rogo aos Srs. assignantes d'A SEMANA, o obsequio de mandarem satisfazer seus debitos até o fim do corrente mez de Julho.

Devendo se dirigir ao abaixo assignado, emcarregado da liquidação d'A SEMANA.

O TEMPO sera remettido aos Srs. assignantes d'aquella folha.

Qualquer reclamação deve ser dirigida ao proprietario d'O TEMPO a rua do Ouvidor n. 45.

Ismael Marinho Falcão.

O TEMPO

Rio, 22 de Julho de 1888.

Felizmente cahio no senado o terrivel bendegó do Barão de Cotegipe. Essa bomba suspensa por tantos dias sobre os horisontes da patria, com o unico fim de explorar a boa fé de uma classe prejudicada, estourou, ficando a fumaça.

Repellida in limine pela população sensata, reprovada ainda pela quasi totalidade dos brasileiros, a arma de guerra levantada pelo velho Barão, ameaçou seriamente o governo, que achou prudente calar-se.

Sustentado o bendegó pelo seu autor e alguns amigos, foi depois forçado, sózinho, desorientado o illustre Barão a usar de seus proprios recursos.

E então, jamais vio-se descer tão baixo um homem que tem occupado as mais elevadas posições no paiz.

Tocou realejo muitos dias, achou-se, atirou pilherias ao senado, improprias de tão augusto recinto.

E' certo, e nós magoa, diz-o, que, o conselheiro Paulino, representante de uma das mais distinctas familias do Rio de Janeiro, a vestal do partido conservador, o chefe real querido e respeitado pela sua dupla pureza de homem publico e de homem particular, o guarda das tradições dos eminentes estadistas Viscondes do Uruguay e de Itaboraahy, de memoria immorredoura, tivesse ajudado o autor de tão extravagante projecto a mantelo.

O distincto conselheiro, quiz cobrir com sua tunica branca e pura o cadaver em putrefacção e em completa dissolução que lhe apresentou o Sr. Barão. Mas o conselheiro Paulino devia ver que a indemnisação seria a condemnação do acto das camaras, libertando os escravos no Brazil. Que ella iria atacar de alguma sorte a liberdade, essa filha dilecta do ceu, que qual semente preciosa lançada do alto da arvore da Cruz, cahio sobre o Calvario e que o sopro das idades tem espalhado pelo mundo.

S. Ex. devia observar que no bojo dessa serpente, sómente havia machiavelismo.

Seria serio, honesto e legal que a maioria, ou antes a quasi totalidade dos brasileiros se quotisasse, para indemnizar a classe dos fazendeiros?

Seria prudente e medida garantidora da ordem publica e das instituições que, do Amazonas até o Prata, salvo parte de quatro provincias, se decretassem impostos para indemnizar os escravos que, a Nação restituilhes a liberdade! Não. Os escravos até o dia 12 de Maio, foram oriundos de homens livres que viviam em sua nação.

Os ex-escravos são filhos desse contrabando maldito que infestou o Brazil depois da lei prohibitiva de 1831, que o distinctissimo conselheiro Pinheiro, sogro do actual illustre Marquez de Paranaguá, procurou executar fielmente, mas illudido por Gonçalves Martins, Vanderley, Hygino e outros.

Manda, porém, a verdade que se diga a gloria da queda do beddegó vai ainda mais illustra nas paginas da historia patria o nome venerando do conselheiro Saraiva.

Com a justa aureola de honestidade e criterio que o cerca, com a sua palavra desapassionada e firme, S. Ex. atacou o monstro no seu ultimo recondito.

Demonstrou que o autor do projecto de indemnisação serviu-se delle com pouca seriedade para illudir o paiz, como arma de guerra, sendo elle como é o unico responsavel por qualquer precipitação que se possa notar na passagem da lei de 13 de Maio.

O conselheiro Saraiva fulminou de tal sorte o autor do projecto, que tirou-lhe a verve e o gosto para os epigrammas.

S. Ex. disse—queimem-se os livros tendentes a negra instituição. Foi a ultima palavra, e nos recorda a que disse o grande Deus:—Amai-vos mutuamente porque todos sao irmaos, nao haja mais Scythos nem gregos, judeus ou gentios, livres ou escravos. E elevando do abatimento e da miseria a humanidade soffredora apertou-a ao coração para consolal-a, cobrindo-a de benções para ennobrecel-a.

Levante o conselheiro Paulino outra arma de guerra, mas propria de um chefe na sua altura, se não preferir a ajudar a hastear e sustentar a bandeira que o actual presidente do conselho desfraldou ao paiz. Não se esqueça, porém, de atirar na valla que o separa do conselheiro João Alfredo aquelles que trahiram os eleitores para que fiquem sepultados perpetuamente.

Quem sabe se desse terreno assim adubado poderá florescer bons caracteres?

SENADO

CONVERSÃO E EXIBIÇÃO DE GOVERNO

Foi admiravel o pequeno e pomposo discurso do Sr. Saraiva fundamentando o seu voto contra a indemnisação. Parabéns pela gigantesca conversão e digna attitude.

Antes tarde do que nunca.

O Sr. Cotegipe incholericou-se, porque o recavam tendo-se estragado consideravelmente, a junta do conca deixou de existir, por ter perdido toda força e valor, suas recriminações, sua revelação e seus gestos pareciam de um estudante capadocio de certa Universidade da França.

O Sr. Candido de Oliveira deu por findo seu depoimento ao Sr. ministro da marinha.

O Sr. Silveira Martins parece querer arranhar e abraçar ao Sr. João Alfredo, enquanto o Sr. Cotegipe o trata de camundongo.

O Sr. Cruz Machado devolve as indirectas e lamenta as censuras do ex-presidente do Senado.

O Sr. Dantas aprecia com a maior attenção, vivacidade e calma, sem encommendar-se com os efeitos das evoluções temporarias.

O Sr. Presidente do Conselho de Ministros apesar dos esforços do gato marisco de brazão, ainda conserva-se mudo com o padecimento asmatico.

O Sr. Lafayette está preparando um vomitorio e o Sr. Affonso Celso espreitando.

O Sr. Leão Velloso poz o juizo a juro pensando em uma pasta ministerial.

O Sr. Paulino de Souza acha-se encommorado, demonstra o seu constrangimento, de que enviamos os pezames.

O Sr. Belisario applaude o Sr. Leão Velloso.

O Sr. Prado trata de elevar a sua provincia com o prejuizo das outras e estuda das novas tentativas de bravura e heroismo.

O Sr. João Manoel consulta seu relógio e mastiga o tempo.

O Sr. Coelho pensa desde já, na substituição do penacho pelas oréllhas.

CAMARA DOS DEPUTADOS

Houve grande tumulto por ter sido mais esta vez infringida a letra do regimento.

Foi aberta a sessão sem haver o numero preciso de deputados, do que resultou forte alarido e serios protestos.

Assim mesmo, continuou a funcionar e finalmente compareceu o Sr. presidente do conselho para responder a interpegação feita ao governo no dia anterior pelo Sr. Affonso Celso Junior, visto que o governo tratara com um dos bancos de nossa praça uma transação de emprestimo somente por sua alta recreação sem levar ao conhecimento da camara e sem obter o seu assentimento, exorbitando os direitos constituidos e calcando aos pés as instituições nacionaes.

O Sr. presidente do conselho vio-se obrigado a romper o seu silencio, declarando querer auxiliar a colheita de café aos lavradores e nada mais disse que podesse satisfazer com relação á creação dos novos bancos de credito.

Tomando a palavra o illustre deputado Sr. Affonso Celso Junior externou com verbosidade e franqueza sua bem fundada opinião em auxilio da lavoura classificando de irregular e erroneo o procedimento e resolução absoluta do governo. S. Ex. discutio com a maior clareza e sabedoria, lembrando ao governo idéas salutares e de alto valor para as necessidades agricolas e commerciaes.

Desenvolveu perfeitamente a questão mantendo-se na altura de seu talento.

UM ARDIL

No dia 4 do corrente o Sr. José do Patrocínio, incorporado á Confederação Abolicionista, foi á secretaria da justiça declarar ao Sr. Ferreira Vianna, que desistia, em favor do senhor seu sogro, capitão Senna, da indemnisação a que porventura tivesse direito pelos serviços prestados á causa... do interesse proprio.

O Sr. Olap, em nome da Confederação declarou que fazia seu o pedido do Sr. Patrocínio.

O Sr. Ferreira Vianna, e não era para menos—ficou seriamente embatucado, porquanto acabava de nomear o seu official de gabinete para examinar o seu compadre Barradas, amigo de cama e mesa.

Releva notar que o Sr. Barradas inscreveu-se para o concurso de amanuense d'aquella secretaria, concurso que exige as materias seguintes: portuguez, francez, inglez, arithmetica, geographia do Brazil; e no emtanto o Sr. Barradas, por artes de compadre e compadrica, apenas fez exame de portuguez e arithmetica, materias

que precisava para a inscripção de distribuidor geral desta corte.

O Sr. Bueno foi o unico examinador do compadre Barradas.

... E, como este, todos os actos do Sr. ministro da justiça!...

Estão, porém, enganados os Barra-das, os Patrocinios e quantos concurren-tes que ali andam: o que quizer ser provido no offiço de distribuidor, ha-de, antes d'isso, accender um brandão a S. Francisco de Assis — o milagre santo do Sr. Ferreira Vianna.

Tal brandão, — saibam-n'o, — excede entretanto a vulgaridade, porque só se adquire por muitos contos de réis, má-ximé em se tratando de um offiço que rende doze contos annuaes ..

Ora, nós conhecemos alguém que já dá 30:000\$000 pelo magico brandão: e provado está, como se diz na *Mascote* que quem não tiver trinta contos não é, rá nomeado!

Prohpdor!...

A Moralidade.

CASSINO FLUMINENSE

Domingo 8 do corrente realisou seo festival de despedida o nosso estimado masstro Carlos de Mesquita, honrado com a augusta presença de S. A. Imperial Regente e seu Augusto Esposo.

A concurrencia foi extraordinaria. Todas as dependencias do Cassino achavão-se repletas do que ha de mais des-tincto na sociedade brasileira.

Ferão executados varios trechos da opera inedita de Carlos de Mesquita. « *La Esmeralda* ».

Encontestavelmente os trechos que mais agradaram forão: *Cortejo funebre*, e *Valse des Nalhes*.

Na primeira Carlos de Mesquite mos-trou que se havia compenetrado per-feitamente do assumpto; a instrumen-tação lugubre e pesada traduz perfeita-mente a situação funebre. O primeiro motivo, que é expresso mellancholica-mente pelos violoncellos acompanhados pelos timpanos e contrabaixos, é d'um effeito surprehendente.

Ha uma transição, feita nos instru-mentos de metal, que produz em voz uma sensação de horror e faz-nos advi-nhar a scena que se vai passar.

A *Valse des Nobles*, agrada pela forma simples e elegante. No segundo motivo que é desenvolvido com mnita habili-dade ha umas imitações que mostram quanto é familiar ao Sr. Mesquita a sci-encia do Contraponto, *Vas de la Noblesse*, *Pas champêtre*, *Valse Villa geoise*, *Final* forão os outros trecho ao bailado, ori-ginaes e bem instrumentados.

Na segunda parte a Exa. Sra. D. Ce-cilia Lage, cantou a *Scena e aria* da mesma Opera. E' um trecho muito dramatico. « *Esmeralda* foi presa » accusada de ter assassinado o seu amante. Lamenta-se e implora a jus-tiça divina.

Nesta aria Carlos de Mesquita mostra que ainda não se libertou completa-mente da velha escola italiana. O final da aria é francamente melodico, mas apesar disto Carlos de Mesquita honra ao seo professor Massenet, joven chefe da escola moderna. A opera de Carlos de Mesquita é relativamente uma obra-prima, porquanto foi composta no Rio

de Janeiro, onde não ha meio artístico onde as grandes intelligencias succum-bem á força de lutar contra a indeferen-ça d'um publico que prefere embrutecer diante dos movimentos eroticos das can-toras do Eldorado, a ouvir Beethoven, Chopin, Haydn, estes homens, cujas in-telligencias são illuminadas por scen-telhas divinas, que morrerão para o mundo, mas que existem sempre no nossos corações de artistas.

Carlos de Mesquita vae a Velha Eu-ropa, e lá certamente hão de premiar o seu trabalho e sua intelligencia, e nós desejamos que cada nota de sua parti-tura seja um lovor para sua corôa de artista.

em consideração ao illustre compusi-tor prestarão seu concurso as Exmas Snras. D. D. Cecilie, Lage, Antonietta Saldanha da Gama, Josepha Saules, e Maria Nabuco; os Srs. A. Napolião J. White, Cortes, Martini, A. e L. Grans-tein, Carneiro Coutinho, Braga, Ta-vares, e Costa Junior.

SEMIFUZA

CHRONICA

No *Parahybano*, de tantos do mez fin-do, que me foi obsequiosamente deri-gido pelos meus amigos da *Folha de Mi-nas*, um dos ex-redactores da extincta *Quinzena*, de vergonhosa memoria, ati-rou á redacção collectiva desta folha toda a sua peçonha de reptil venenoso e repugnante, só porque *O Tempo* lhe não accitou uma verrina contra um cidadão respeitavel, da Parahyba do Sul.

O pobre de espirito, não podendo of-fender-me de outro modo, chama-me poetastro e supõe injuriar-me — cha-mando-me redactor assalariado do *Di-ario de Noticias*!...

Para coroar a sua obra de verdadeiro kagado pustuloso, o animalsinho adje-ctivou o seu nome transformando-lhe a primeira consoante, e veio nessa en-cadernação nojosamente repulsiva su-jar-me o cabedal das minhas botas novas!

E' um perverso o tal kagado!...

Afinal ninguem está livre de um ata-que á sua honra; mas quando esta guarda á sua inquebrantavel couraça, o assaltante sahe ferido no couro ca-belludo da sua audacia, — deixando a rir perdidamente os espectadores.

E' o que está acontecendo entre o modesto e obscuro rabiscador destas chronicas massudas e o kagado do *Pa-rahybano*.

Não poder a minha mão direita abranger o espaço que a separa das patas do animalsinho; — para arran-car-lhe as ferraduras dos cascos e pre-gar-lhe-as na taboleta!...

Emquanto os kagados da imprensa me aggridera de longe, é justo que eu aproveite o pequeno espaço que me resta para conversar com os leitores d' *O Tempo*.

Anda por ahi a fazer victimas uma enfermidade terrivel que a manobra politica denomina *colheitas de vagabun-dos* e a imprensa neutra, que é uma ex-callente pathologia popular, — chamou *caçada de homens*.

Essa molestia, caracterizada pela ap-proximação de uns agentes fardados, e algumas vezes pela distribuição de so-papos acompanhados de certa monoto-nia de apitos, tem uma denominação mais pratica e mais popular, e vem a ser: — *Recrutamento*.

Pois Senhores! Eu nunca vi tantos *casos* em um só dia; e não obstante me-recer os meus louvores o magistrado que procura expurgar-nos do distico chronico do *Jornal do Commercio*.— Ain-da e sempre os capoeiras, somos força-dos a lamentar que esse serviço não seja feito com o devido criterio.

Passeiar a qualquer hora da noite pelas ruas da cidade, com a segurança de não sermos condemnados ao papel de bainha de navalha, é realmente so-berbo; mas, deixar mulher e filhos ao desamparo, e ser forçado a assentar praça voluntariamente, isto é mais que doloroso: é infame!

O chronista acredita que as reclama-ções cessarão de uma vez por todas, e pela parte que lhe possa tocar, desde já agradece ao zeloso magistrado que tanto se empenha no exterminio desses faccinoras que nos trazem eternamente em sobresalto com os seus gritos de *li-vra e guarda!* e os seus exercicios de navalha e cacete!

Quizera ainda occupar-me de um so-neto, publicado ha dias na *Gazeta* por uma poetisa de fama que tem por secre-tario um poeta não menos famoso. Mas, vou consultar o numero dos *Novi-dades*, em que um noticiarista estran-hou a entrada, com sol alto, de outra poetisa em uma hospedaria que não tem no retabulo: — *Ao Parnaso*...

MOTTA VAL-FLORIDO.

A' Sociedade Anonyma do Gaz

E' um escandalo querer o Governo manter essa Sociedade em detrimento do publico, quando ella só procura usurpar, aniquillar e sacrificar os in-teresses da população, sem dar satisfa-ções, por ter em seu seio o Engenheiro Inspector fiscal do Governo que em logar de chamal-a ao cumprimento dos deveres ou tratar da rescisão do contra-cto, é o supremo advogado e aconselha-dor dos meios praticos de escaparem das accusações, contando com o paren-tesco de familia que tem com o ministro que o nomeou.

A actual Companhia Belga, é sem-pre surda ás reclamações e no escri-ptorio central da administração e con-tabilidade, não fazem caso de ninguem e não sabem mesmo a quantas andam, principiando pelo Gerente, que do-ptado de boas qualidades e apezar de ter bons desejos, está aqui ha pouco tempo e na Belgica foi sempre empre-gado de escripturações de livros de ne-gocios de empresa ou commerciaes, foi mandado como bom guarda livros de inteira confiança da directoria em Bru-xellas passando logo aqui a chefe da contabilidade; o Director Sr. Ropsy, que pouco tempo aqui esteve, retirando-se para aquella cidade deixou-o em seu logar interinamente e de lá man-dou á sua effectividade.

Ora, um homem leigo, estrangeiro com habilitações para contabilidade e que nunca administrou nada e não po-dia ter ainda conhecimento de cousa alguma, como arvora-se entre nós de Gerente de uma das mais importantes empresas da Corte do Imperio com to-do apoio e tolerancia do Governo (ape-

zar das repetidas e diarias reclamações de todos os Jornaes) sem ter esse Gerente um Engenheiro capaz de auxi-lial-o neste grande accommetimento?!

E' o Sr. Pereira Vianna o mais inepto e compromettedor que tem se visto apar da administração de uma em-preza no Brazil, está no dominio do publico d'esta Capital, sua incompe-tencia e inaptidão para dirigir os nego-cios praticos e technicos da Companhia quando muito por protecção podia ser o ajudante d'um Engenheiro habil com os requisitos necessarios para bem de-sempenhar tão seria missão, não é para o Sr. Pereira Vianna que foi educar-se na Belgica e voltou casado tendo adqui-rido com grande empenho esse cargo que indignamente occupa sem consci-encia e sem a responsabilidade de seus actos em incalculavel prejuizo e vei-xame para os habitantes da Corte; além de tomar para seu auxiliar por falar Francez e talvez por ter tambem *Companhia Belga* um homem que foi expulso do commercio de duas lojas de malas por *ligeiras perturbações*; compro-mettendo assim os interesses da propria Companhia e dos consumidores do Gaz que pagão com grande sacrificio á inexperiencia do tal funcionario intitu-lado engenheiro, que ora manda con-tar o gaz e nivelar ao mesmo tempo afogando d'agua o regulador; outr'ora, manda contar só e depois passar outros nivelando e afogando; finalmente, manda um contar, outro nivelar e em seguida um fiscal em cada rua para re-ver com detrimento dos consumidores, recomendando com ameaças de multas e perda do emprego de marcador ou contador o que deixar de afogar o regu-lador para o augmento das contas com o excesso da rotação: Sempre surdo ás reclamações e aos pedidos dos con-sumidores, nunca ninguem foi servido com prestesa, precisa-se voltar ali mui-tas vezes causar-se e empenhar-se para ser attendido muitos dias depois; isto, quando acham que pôde ser; especu-lam e abusam todos os dias da boa fé dos consumidores e cada vez vai a peor e ninguem toque e vá á aquella alta repartição de egoistas, sem toda cautela e estudo especial, se não será desattendido e flauteado.

Tem toda a razão o Sr. Pereira Vi-anna, de censurar todos os dias á administração brasileira, declarando ter-se naturalizado belga, sua Patria adoptiva; bom preveito, e ninguem o requisitou!

Muito tem soffrido o publico e mesmo a Companhia com a grave en-fermidade que inutilizou um dos mais habéis, dos mais probos e mais destina-dos servidores do Estado o illustre en-genheiro Dr. Firmo José de Mello que ultimamente era o engenheiro fis-cal da Sociedade, seu conceituado nome fez parte do contracto sendo destingui-do pela directoria em Bruxellas, con-tra a expectativa do fiscal do Governo antagonista do preclaro funcionario o que não podia a Associação em Bruxel-las advinhar e mesmo assim susten-taria criteriosamente um elemento de grande valor pela illustração, pela no-breza de caracter e severidade de seus actos em beneficio dos cofres publicos e pela dignidade como servidor do Es-tado e defensor dos interesses de sua Patria; os seus relevantes serviços acham-se bem assignalados, sem que tivesse em tempo algum accetado e menor favor ou condecorações do Go-verno; hoje esse cansado e inutilizado funcionario pela enfermidade de que foi accommetido, precisa mais que

nunca da remuneração de seus bons e leaes serviços, está no caso de ter uma pensão para sua manutenção e de sua família, entretanto, os nossos Estadistas e legisladores, só tratam da politica e de benefícios dramaticos, em quanto o Paiz e seus legitimos servidores se extorcem com os gritos da agonia e os gemidos da dor. O patriotismo de nossa terra é o da barriga dos grandes e dos representantes, a prova d'isto, está em cogitarem indemnização do que já não existe e que possuião illegalmente.

A' Excelsa Princesa Imperial, deve prevenir-se, e lançar suas vistas de piedade sobre os negocios publicos e a população brasileira que se recentem da falta de trabalho e de emprego, com a prisão dos capitães e a afillhadagem dos ministros.

(Continúa)

O CRIME DAS HOSPEDARIAS

Em desempenho da nossa promessa começamos hoje a publicação das cartas que sollicitamente nos derigiram nossos leitores:

Tem a palavra o Sr. JS:

«Sr. Redactor d'O Tempo». — Parece, a primeira vista, que esta questão das hospedarias não tem a menor importancia, e no entanto, eu posso garantir a V. que esta questão tem um alto interesse moral.

«Não é simplesmente a prostituição que se exerce nessas casas; tambem se exerce alli o proxenetismo; tambem allise joga desenfreadamente, e come se e bebi-se ao som de estridentes gargalhadas!

«Creia que não ha melhor negocio que o das hospedarias, sob todos os pontos de vista, e principalmente porque tal negocio está a salvo dos rigores da lei.

«Conheço porventura, o dono do 35, que, quando se lhe falla em buscas nocturnas, exprime-se d'este modo:

— «A autoridade que uma noite me invadissem a casa, n'esse caracter, seria desempessada no dia seguinte!»

«E se a gente, apresenta certo ar de duvida, elle accrescenta:

— «A policia é a minha primeira freguezia e a minha melhor protectora. Conheço o Dr. de A? O Comendador B? O Barão de C? O Visconde de D? O Conde de E? O Marquez de S? Pois são todos meus freguezes!...

«O dono do 26 afirma alto e bom som que o proprio guarda livros da Gazeta é um frequentador da casa!...

Parece-nos que n'este ponto o collega da Gazeta é victima de uma columnia, não obstante exercer elle um direito concedido por lei; quando mesmo frequente o 26 ou quantas hospedarias funcionarem por ali ás escancaras. Seja, porem calumnia ou não, o Sr. J. S. nenhuma culpa merece pela transmissão do escandalo. Continuaremos:

«Em todas as hospedarias ha mulheres escravizadas por dividas provenientes de certos adiantamentos, ou mesmo, de alimentação.

«As desgraçadas tem o restricto dever de contribuir diaramente com certa quota para amortização de seu debito, e não poderão sair a rua enquanto não

houverem resgatado o titulo... aberto no competente livro!

«E' o verdadeiro Castismo!

«Tóm as desventuradas a franqueza de sua situação? Não; porque, no dia em que ellas viessem a publico declarar que um prostibuleiro as detinha em sua casa para indemnização forçadas de uns tantos gastos todos os outro prostibulos lhes seriam fechados.

«E a mulher que vive de portas a dentro de uma hospedaria, mesmo o espaço que durou a rosa de gemalherb, não tem mais direito ao acolhimento de uma sociedade seria e moralizada.

«As portas do lar fecham-se ás desgarradas, para não mais se abrirem com decencia!

«E' provavel, Sr. Redactor que eu volte á carga para contar-lhe o que se passa em algumas d'estas casas, e principalmente no 26 que, como V. bem disse uma vez, tornou-se o quartel general da patifaria.»

O Sr. M. é menos extenso; mas não menos curioso. Leiamos a sua carta:

«... Principiarei por apontar a V. mais um estabelecimento novo, collocado vergonhosamente no meio de numerosissimas casas de boas familias.

«O novo lupanar funciona a rua das Marrecas n. 5, e é propriedade de um ex-gerente ou criado do celebre 26 do campo.

«You contar agora a Vs. como coseguei descobrir este estabelecimento que tem feito a vergonha da visinhança.

«O director gerente ou proprietario que anda sempre premunido de cartões de visita, aproxima-se de um individuo qualquer, e com ares de palerma, pergunta-lhe em um tom que finge amabilidade:

— «O Sr. não foi já ao 26?»

«A esta pergunta o cavalheiro responde *sim* ou *ndo*, ou vira-lhes as costas, se não quer aturar o bruto.

«Se o cavalheiro responde, o patife do prostibuleiro mete-lhe no bolso um ou dois cartões e faz em 10 minutos a sua apologia e a do seu novo estabelecimento!

— «Logar magnifico, sortimento escolhido, junto ao Passeio Publico, hein? Nem de proposito!

«E o grandissimo... hespanhol bate uma palmada no hombro do interlocutor, assim como quem está convicto da sua importancia moral no grande mercado da prostituição clandestina!...

Abstemo-nos de transcrever mais dois topicos da carta de Sr. M. por entendormos que isto de apresentar nomes de frequentadores e frequentadoras d'esses estabelecimentos é missão que compete á policia.

E desde que a policia cumpra o seu dever, fazendo inscrever os visitantes d'essas casas em um registro ou diário para consulta do publico, a imprensa transcreverá diaramente a lista dessa gente, de envolta com os ebrios, jogadores, vagabundos e desordiceiros...

Quanto ao proxenetismo, tão explorado n'esses estabelecimentos de immoralidade e corrupção lembramos ao Ex. Sr. chefe de policia, e ao conselheiro Ferreira Vianna, o acto da policia administrativa de Roma que submetteu

as prostitutas á jurisdicção dos Edis. «Os homens, que exercião o proxenetismo, (synonymo de lenocinio ou alcovitarismo,) tinham nota de infamia, e eram inhibidos de exercer qualquer cargo publico, por isso que o seu juramento não tinha validade. Toda a vida civil lhes era interdicta; não podiam ser tutores dos filhos nem succeder-lhes.»

Proscriptos da communhão social!... Eis em uma palavra o que era o rufião da velha Roma, depois da legislação de 389.

Até o proximo numero.

VALERIO FLORIDO

ARMADA

Continúa a andar impunemente na ponta da arêa da cidade de Caravellas da provincia da Bahia, o desertor da armada José Francisco de Souza, de que o governo já teve conhecimento e não tem providenciado á captura e vinda para o Arsenal da Marinha da Corte, onde trabalhava, pela conveniencia de estar aquella praça alli servindo de instrumento de desordem dos conservadores amigo do deputado do districto, sem duvida, pela muita influencia do admiravel representante.

ENTRADAS

Temos sobre a mesa simplesmente jornaes e periodicos:

O Grito do Povo.—Solemnisa o dia 14 de Julho, em boa edição, de papel e impressão elegante. A primeira pagina é cercada por um quadrado de vinhetas que lembram, por contraste, uma beta qualquer da imprensa fluminense. Espirito fino e forte.

— O Reformador.—E' orgão da federação spirita brasileira, e da gentileza do Sr. Nascimento, o que quer dizer que defende a mais retrograda e prejudicial das causas. E' velho, porém e ha-de ainda durar muito; a ignorancia é boa mãe.

— Progreso Literario de Pelotas. Resurge este semanario domingueiro. Este collega dá ares de feminino e pouco versado em cousas delicadas. Domingueiro! Quem falla? E' algum gaiato ou garoto? Emfim, tem 28 e mais alguns collaboradores! Já é pouco!

— O Isothermico.—Que pelo nome é feio como o Sr. Colegipe, que Deus haja. A prosa é pecca e pouca. O verso do Sr. Lima Junior tem um que popular que nos agradou.

urialhé. — Não pretendemos tratar mal ao collega, mas pedimos-lhe dois obsequios: vir para nós e não para a fallecida Semana; a Semana nunca mais mais nos ha-de metter pelos olhos aquelle tal folhetim, em que fallava na sogra, sabe?

Provincia de Minas.—O artigo de fundo do dia 13, é uma bordoadá mestra na alma gentil do Sr. Nabuco, que d'esta vez ou se parte ou se racha. Trata-se da tal federação monarchica. Por ali collega! Fogo!

O Jornal do Povo.—Pedimos ao nosso collega, que nuncs mais nos corte poesia do Circ sem cortar-lhe tambem o nome.

A Carta.—Pequena, em tudo. Eu embro aos leitores aquelle ando da gaita, que tocava no ponto dos bonds.

Pois a carta é tal e qual. Que cabeça, seu Serafim! Quer o meu cirurgião?

MOREVA.

INDICADOR

O Sollicitador e Inqueridor

Martinho da Motta Nunes participa que tem escriptorio na rua da Quitanda n. 43 e é sempre encontrado nas audiencias dos juizes Civeis e Commercias; residencia na rua dos Invalidos 85 sobrado.

D. Pelino Guedes.— Advogado rua da Alfandega n. 40.

Dr. Gusmão.— Advogado; escriptorio, rua da Alfandega n. 65.

Advocacia Commercial.— O Dr. João Carlos de Oliva Maia é encontrado em seu escriptorio á rua da Quitanda n. 39 todos os dias das 9 da manhã ás 4 1/2 horas da tarde.

Dr. Paula Ramos.— Advogado; rua dos Ourives n. 80; das 9 ás 3 da tarde.

Dr. José Joaquim de Almeida Nobre.— Advogado; rua da Alfandega n. 40.

Dr. Marciano Gonçalves da Rocha.— Advogado, rua da Alfandega n. 40.

Dr. Candido Teixeira.— Advogado; é encontrado em seu escriptorio á rua de S. Pedro n. 14, todos os dias das 10 ás 3 hoars da tarde.

Dr. Nogueira da Gama.— Cirurgião dentista; consultas das 9 horas da manhã ás 3 da tarde, rua de Gonçalves Dias n. 71.

Dr. Alberto de Carvalho.— Escriptorio, rua da Quitanda n. 17.

Advogado — Bacharel, Benvindo Gurgel do Amaral, á rua do Ovidorn. 45

Conselheiro Matta Machado. — Medico; consultorio, rua de S. Pedro n. 90.

ANNUNCIOS

Brevemente será publicado em folheto.

O

MYSTERIO TERRIVEL

OU

O ASSASSINATO

DE APULCHO DE CASTRO

COMEDIA EM DOIS ACTOS

POR

José João de Perouse Mello.

CASA BAPTISTA

E' a Elegante loja de Cabelleireiro, e perfumarias a mais sortida neste genero, preços baratisimos disposta de grande pessoal e peritos officiaes para pentear senhoras á ultima moda, attende a chamados para qualquer parte.

A CONCURRENCIA E' ENORME

ESPECIAL CAMISARIA

Camisas para homens e meninos a 2\$, 2\$500 e 3\$.linho afiançado, qualquer feitio ou medida; collarinhos uma duzia e uma duzia de punhos por 8\$000, qualquer feitio, garante-se ser linho; camisas para senhoras, vindas da Ilhada Maçeira, a 2\$ 8000, duzia 30\$; são bordadas a ponto real; colchas trançadas para casados, a 3\$50, 3\$ e 2\$800; guardanapos, duzia 1\$600; aventaes para crea das 200 res.; lenços com barra, 2\$ a duzia; leques a 500-rs.; meias para senhoras, sem costura, brancas cruas ou de cor com um pequeno toque de mofo, a 500 rs. o par duzia 5\$, fio d'Escossia; abotoaduras completas prra camisas de homens, 200 rs.; toalhas para rosto a 2\$400 a duzia. Os preços em duzia 10 % de abati-mento. Casa importadora de

SILVA & C.

76 D RUA SETE DE SETEMBRO 76 D
(Junto á fabrica de fumos Veado)

RESTAURANT OUVIDOR

RUA DA URUGUAYANA

Os proprietarios deste bem montado estabelecimento, previnem ao publico e aos seus amigos, que fornecem comida para fóra e recebem pensionistas; bem assim, no estabelecimento fornecem um almoço por 800 rs. e um jantar por 18000, garantindo em tudo asseio e limpeza.

Socio gerente J. M. BITTENCOURT

A GRANDE ALFAIATARIA

DE

JOAQUIM ALEXANDRE DO NASCIMENTO

está sempre prompta para servir aos seus numerosos freguezes por preços razoaveis e com a maior promptidão possível; tendo um variadissimo sortimento de fazendas do uso e de bom gosto

45 RUA DA QUITANDA 45

J. JORGE & C.

convidam ás Exmas. familias a visitarem o grande armazem de mantimentos, doces, fructas, licores, vinhos, etc., que inauguram á

9 RUA PRIMEIRO DE MARÇO 9

PONTO DOS BONDS DO CARCELLER

23 RUA DOS OURIVES 23

THE NEW HOUSE
SEM RIVAL

SUPERIOR A TODAS

WHITE
LIGEIRA

SUAVE
E

SILENCIOSA

5 ANOS DE GARANTIA 5

23 RUA DOS OURIVES 23

J. L. A. RIBEIRO & C.

SEMENTES NOVAS

DE HORTALIÇA, FLORES E ETO

NA

HORTULANIA

RUA DO OUVIDOR, 45

JOCKEY-CLUB

PROGRAMMA

DA

OITAVA CORRIDA

A REALISAR-SE

DOMINGO 22 DE JULHO DE 1888

A' 11 3/4 horas em ponto

1º pareo — ás 11 3/4 horas — EXPERIENCIA — 1.450 metros — Animaes es-
trangeros de 2 annos — Premios : 800\$ 160\$ e 80\$000.

NS.	NOMES	IDADES	PESOS	PROPRIETARIOS
1	Paladino.....	2 annos	48 kilos....	J. A. da Silva.
2	Feniana.....	2 »	46 »	Coud. Excelsior.
3	Thessalia.....	2 »	46 »	Oliv. Jun. & Lopes.
4	Lovely.....	2 »	46 »	J. S.
»	Thunderbolt.....	2 »	48 »	Idem.

2º pareo — ás 12 3/4 — DEZESEIS DE JULHO — 1.800 metros — Animaes estran-
geiros de 3 annos que não tenham ganho este anno — Premios : 800\$
160\$ e 80\$.

1	Tic-Tac.....	3 annos	50 kilos....	D. Almeida.
2	White-Face.....	3 »	50 »	Idem.
3	Tenebrosa.....	3 »	48 »	Cond. Hannoveriana.
3	Ouvidor.....	3 »	50 »	Coud. Esperança.
4	Claretto.....	3 »	50 »	M. P.
5	Sterlina.....	3 »	48 »	J. F. V.
6	Trumps.....	3 »	50 »	Coud. Itatiaya.
7	Warlicke.....	3 »	50 »	C. Palos.
»	Duc.....	3 »	50 »	F. G.

3º pareo — á 1 1/2 hora — VELOCIDADE — 1.450 metros — Animaes de qualquer
paiz — Premios : 800\$ 160\$ e 80\$.

1	Pharsalia.....	3 annos	57 kilos....	J. C. Babo.
2	Elza.....	4 »	57 »	F. Moreira.
3	Monitor.....	5 »	56 »	Idem.
3	Tenor.....	5 »	54 »	J. Rocha.
4	Rapide.....	3 »	57 »	V. Junior.

4º pareo ás 2 1/2 horas — GUANABARA — (Handicap) — 2.000 metros — Animaes
nacionais — Premios : 1.000\$ 200\$ e 100\$

1	Cupidon.....	4 annos	57 kilos....	M. U. Lemgruber.
2	Druid.....	6 »	54 »	O. Junior & Lopes
3	Esmeralda.....	4 »	50 »	Coud. Alliança.
3	Espadilha.....	4 »	55 »	Coud. Aymoré.
4	Contralto.....	6 »	54 »	J. Rocha
5	Embargo.....	3 »	46 »	C. Lima.
6	Boreas.....	6 »	62 »	Coud. Progresso.

5º pareo — ás 3 1/2 horas — JOCKEY-CLUB — 2.500 metros — Animaes de puro
sangue — Premios : 1.000\$, 300\$ e 200\$.

1	Phoenicia.....	4 annos	47 kilos....	Coud. Brasileira
2	Dignitaire.....	5 »	52 »	Coud. Paraizo.
3	Scylla.....	5 »	53 »	F. Moreira.
4	Scottish-Thistle....	5 »	49 »	J. Peack.
5	Victorius.....	5 »	52 »	L. P. Barbosa.
6	New-York.....	5 »	52 »	F. Schmidt.
7	Pervenche.....	3 »	45 »	Idem
»	Satan.....	5 »	53 »	Mario de Souza.

6º pareo — ás 4 1/2 horas — INTERNACIONAL — 1.800 metros — Animaes estran-
geiros — Premios : 1000\$, 200\$ e 100\$

1	Bonaparte.....	4 annos	57 kilos....	J. P. de Castro.
2	Pharisen.....	3 »	50 »	Coud. Brasileira.
3	Comtesse d'Olonne..	5 »	57 »	Coud. Alliança.
4	Huguenote.....	3 »	50 »	Coud. Progresso.

7º pareo — ás 5 1/2 horas — FERREIRA LAGE — 1.609 metros — Animaes naci-
onaes de meio sangue que não tenham ganho este anno — Premios : 800\$
160\$ e 80\$000

1	Araby.....	5 annos	51 kilos....	D. A.
2	Boyardo.....	5 »	60 »	M. P.
3	Prologo.....	5 »	56 »	J. S. Andrade.
4	Oboe.....	4 »	52 »	J. M.
5	Batuta.....	5 »	52 »	T. Campineiro.
6	Regente.....	5 »	54 »	J. R.
7	Meteor.....	5 »	54 »	Coud. S. Raphael.
8	Mandarim.....	5 »	56 »	J. A. G. M.
9	Erse.....	4 »	54 »	J. A. de O.
»	Catana.....	5 »	52 »	J. Wandeenkolk.

OBSERVAÇÕES

As poules do 1º pareo estão á venda na Secretaria hoje até as 7 horas da
noite. Não ha poules de 2º nos pareos Experiencia, Velocidade e Internacional.

Rio 21 de Julho de 1888.

A. LISBOA, 2º secretario interino.